

Sujeito: entre ordem e concordância

Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott¹

Izete Lehmkuhl Coelho²

1. Introdução

Descrevemos e analisamos, neste trabalho, o processo de variação e mudança na concordância verbal de terceira pessoa do plural, correlacionando-o a três variáveis internas: *posição do sujeito em relação ao verbo*, *traço [+/-humano] do sujeito* e *tipo de verbo*, que se mostraram importantes condicionadoras da não marcação de concordância (cf. Monguilhott, 2001, 2009 e Carrilho, 2003). Nossa análise terá como base empírica amostras de fala de quatro localidades de Florianópolis (PB) e de quatro localidades de Lisboa (PE)³ e amostras de escrita catarinense e lisboeta⁴.

¹ Docente da Universidade Federal do Amazonas em exercício provisório na Universidade Federal de Santa Catarina.

² Docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/CNPq - Processo 305345/2008-6).

³ Nossa amostra de fala constitui-se de trinta e duas entrevistas de diferentes regiões: 16 sujeitos nascidos em Florianópolis e 16 em Lisboa. Desse total de 32 informantes, 16 cursaram até as séries finais do ensino fundamental e 16 cursaram o ensino superior. Os dados de fala da amostra Florianópolis foram coletados entre 2006 e 2007 e os dados da amostra Lisboa foram coletados durante estágio de doutorado no exterior realizado por Monguilhott, no período de agosto de 2007 a janeiro de 2008, na Universidade de Lisboa, sob a orientação da Professora Doutora Ernestina Carrilho. O estágio foi realizado com bolsa Capes, processo 0773/07-7, por meio do Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior — PDEE.

⁴ Nosso *corpus* diacrônico inicia-se no século XIX, quando a imprensa é introduzida em SC pelo Brigadeiro Jerônimo Francisco Coelho com o jornal "O Catharinense", em 28/7/1831. Para manter a comparabilidade das amostras, as peças portuguesas também foram consideradas a partir do século XIX, embora, em Portugal, se encontrem, naturalmente, peças teatrais de épocas anteriores.

Os objetivos específicos deste trabalho vão em três direções: (i) caracterizar e explicar as motivações internas que condicionam a variação na concordância verbal, buscando observar, a partir da descrição e análise das três variáveis internas, quais os contextos sintáticos de restrição à marcação de concordância verbal; (ii) comparar amostras empíricas do português falado e escrito em Portugal e no Brasil; (iii) buscar hipóteses teóricas para explicar a não marcação de concordância verbal. Neste trabalho, nosso interesse se volta especificamente às mudanças que podem ter ocorrido na gramática do PB.

Para a descrição e análise da variação e mudança de nosso objeto de estudo, nos apoiamos nos pressupostos da teoria da variação e mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 1968 e Labov, 1994). E para a discussão dos grupos de fatores internos: *posição do sujeito em relação ao verbo, traço [+/-humano] do sujeito e tipo de verbo* nos apoiamos no quadro da teoria gerativa, mais especificamente no modelo de Princípios e Parâmetros (cf. Chomsky, 1981, 1986).

Feita esta breve introdução, passamos à organização do trabalho. Na próxima seção, serão apresentados resultados estatísticos dos três condicionadores internos da variação na concordância verbal na fala de Florianópolis e de Lisboa. Na seção seguinte, serão discutidos alguns contextos de restrição à marcação de concordância verbal em amostras de peças de teatro de autores catarinenses e lisboetas. Faremos, então, algumas reflexões sobre o enfraquecimento da concordância verbal no PB. Na última seção, sistematizaremos os resultados da discussão aqui proposta.

2. Descrição e análise da variação na concordância verbal

Ao controlarmos os condicionadores internos da não marcação de concordância verbal, neste trabalho, procuramos investigar particularmente a variável *posição do sujeito em relação ao verbo* por acreditarmos que a posposição do sujeito é um dos principais contextos sintáticos de restrição à marcação de concordância verbal de terceira pessoa do plural. Não podemos deixar de constatar, a partir do que a literatura já aponta para o PB (Berlinck, 1988, 1995; Coelho, 2000, 2006; Monguilhott, 2001, 2009; entre outros), a correlação que existe entre os fenômenos variáveis concordância verbal e ordem do sujeito no que se refere aos seus condicionadores sintáticos, a saber:

- (i) a não marcação de concordância verbal é condicionada pela posposição do sujeito (cada vez mais restrita) e a posposição do sujeito é marcada pela não concordância;

- (ii) a não marcação de concordância verbal é condicionada pelo verbo inacusativo e o verbo inacusativo aparece preferencialmente em contextos de posposição do sujeito em sentenças apresentativas;
- (iii) a não marcação de concordância verbal é condicionada pelos sintagmas nominais marcados com traço [-humano] e os sintagmas com traço [-humano] aparecem preferencialmente em contextos de posposição do sujeito.

Para entender um pouco mais essas correlações foram feitas duas rodadas estatísticas utilizando-se o pacote Goldvarb2001 (Robinson; Lawrence; Tagliamonte, 2001), uma com a amostra de fala de Florianópolis e outra com a amostra de fala de Lisboa. Além disso, foram feitos alguns cruzamentos entre as variáveis estudadas. Do total de 697 dados investigados na primeira amostra, foram encontrados 138 sem marcação de concordância verbal (19%). Já na segunda amostra, das 607 ocorrências, apenas 24 exibiam ausência de marca de concordância (3%). Observemos a seguir resultados do controle das três variáveis linguísticas no não favorecimento da marcação de concordância nas duas variedades.

2.1 Posição do sujeito em relação ao verbo

Resultados de trabalhos empíricos do PB (Lemle; Naro, 1977; Pontes, 1986; Scherre; Naro, 1998; Monguilhott, 2001, 2009; Silva, 2003; Cardoso, 2005) apontam que a probabilidade de concordância verbal com sintagmas nominais pós-verbais é muito menor do que com sintagmas pré-verbais, independentemente do nível de escolaridade do falante. Monguilhott (2001), por exemplo, encontra cerca de 29% de não marcação de concordância de número entre verbo e sujeito (ordem VS), sem distinção de nível de escolaridade.

Berlinck (1988), ao descrever a variação da ordem do sujeito, também apresenta resultados que apontam maior tendência aos sintagmas nominais pospostos desencadearem menor concordância. A autora considera que essa associação entre sintagma posposto e ausência de concordância tem servido de argumento favorável à tese do caráter menos 'subjetivo' do sujeito. Pontes (1986) discute o estatuto de sujeito do sintagma posposto evidenciando que este tipo de sujeito apresenta características de objeto (posição VS, [- concordância]). A autora ressalta, a partir de um teste feito com alguns estudantes da Faculdade de Letras da UFMG, que o sintagma posposto é considerado, muitas vezes, como objeto por uma parcela significativa de falantes que, por consequência, apresentam dificuldade na marcação de concordância com esses tipos de sintagmas.

Baseando-nos em resultados de trabalhos empíricos, controlamos a posição do sujeito em relação ao verbo como um dos condicionadores da não marcação de concordância verbal⁵, em amostras do PB e do PE, esperando encontrar enfraquecimento da concordância com o sintagma pós-verbal nas duas variedades. Acreditávamos que as construções com sujeito posposto apareceriam com uma tendência forte à variante zero de plural nos verbos.

· Sujeito anteposto

(1) **As mulheres** não *tinham* direito a voto (PERCFVF04)⁴⁶

· Sujeito posposto

(2) *Vio* **peessoas doentes, idosas** (PBRIMJS13)

Nossos resultados para esse grupo de fatores atestam a nossa hipótese, apontando que, tanto na amostra de Florianópolis, quanto na de Lisboa, a frequência de não concordância é menor quando o sujeito está anteposto ao verbo, com 16% e 3%, distanciando-se significativamente da posposição do sujeito, com 73% e 37% de não marcação, como mostra a tabela 1.

Posição do sujeito em relação ao verbo	Amostra Florianópolis Aplicação/Total = %	Amostra Lisboa Aplicação/Total = %
Sujeito anteposto	75/480 = 16%	7/269 = 3%
Sujeito posposto	35/48 = 73%	16/43 = 37%
Total	110/528 = 21%	23/312 = 7%

Tabela 1: Frequência de não concordância nas amostras investigadas, segundo a variável ‘posição do sujeito em relação ao verbo’.

⁵ A aplicação da regra neste trabalho refere-se à não-marcação de concordância verbal de terceira pessoa do plural.

⁶ A codificação refere-se à variedade do português (PB – Português Brasileiro, PE – Português Europeu); à localidade (PB: RI – Ribeirão da Ilha, IN – Ingleses, CL – Costa da Lagoa, RC – Região Central; PE: SI – Sintra, CA – Cascais, BE – Belém, RC – Região Central); ao sexo (M – masculino, F – feminino); à idade (J – de 15 a 36 anos, V – de 48 a 76 anos), à escolaridade (F – ensino fundamental, S – ensino superior) e ao número da entrevista.

⁷ Foram analisados todos os dados de construções que apresentavam variação na concordância verbal de terceira pessoa, extraídos de cada uma das trinta e duas entrevistas investigadas, obtendo um total de 697 dados para o PB e 607 dados para o PE. Para o grupo de fatores *posição do sujeito em relação ao verbo*, temos um total de 528 dados para o PB e 312 para o PE, pois os dados de sujeito nulo não puderam ser considerados.

2.2 Traço [+/-humano] do sujeito

Controlamos, neste grupo de fatores, os traços semânticos das formas de representação do sujeito do tipo [+/-humano]:

· Traço [+humano]

(3) **Todas as minhas amigas** *namoravam* e \emptyset *vinham* às festas aqui (PBRIFVS05)

· Traço [-humano]

(4) Tem **várias etnias que** *contribuíram* pra formação dessa nossa ilha (PBRIMJS13)

Em relação a esse grupo de fatores, esperávamos encontrar nas duas variedades do português uma tendência à marcação de concordância quando o traço semântico do sujeito fosse [+humano] e à não marcação de concordância quando fosse [-humano]. Essa hipótese está atrelada à idéia de que o traço [-humano] tenderia a desencadear menos marcas de concordância no verbo em função de, numa escala de "sujeitividade", apresentar-se menos "sujeito".

Corroborando nossa hipótese e também outras pesquisas com amostras do PB, nossos resultados da amostra Florianópolis apontam, por um lado, que, quando a sentença possui um sujeito representado por um sintagma [+humano], a frequência de não concordância verbal é menor (17%), conforme observamos na tabela 2; por outro lado, sentenças com sintagma [-humano] apresentam frequência maior de não marcação de concordância (52%). Assim também acontece com os resultados da amostra Lisboa, quando a sentença apresenta um sintagma [+humano], a frequência de não concordância verbal é quase nula (2%), já em sentenças com sintagma [-humano] a frequência é bastante significativa: 21%.

Traço humano no sujeito	Amostra Florianópolis	Amostra Lisboa
	Aplicação/Total = %	Aplicação/Total = %
Traço [+humano]	107/637 = 17%	11/542 = 2%
Traço [-humano]	31/60 = 52%	13/61 = 21%
Total	138/697 = 20%	24/607 = 4%

Tabela 2: Frequência de não concordância nas amostras investigadas, segundo a variável 'traço humano no sujeito'.

2.3 Tipo de verbo

Para investigar o tipo de verbo, controlamos os monoargumentais distintamente, de acordo com a proposta de Burzio (1986)⁸, segundo a qual as estruturas, a que denominou ergativas (doravante inacusativas), diferem das intransitivas (ou não ergativas) em duas propriedades: (i) só exibem uma posição temática, a de argumento interno; (ii) o argumento interno não recebe Caso acusativo⁹.

Segundo o autor, as estruturas inacusativas são derivadas de uma Estrutura-D (estrutura profunda) que apresenta a posição de especificador vazia, devido a uma operação no nível lexical que suspende o papel temático do sujeito. Decorrente de não ter recebido Caso em sua posição de base, em Estrutura-D, o sintagma nominal se movimenta para a posição de sujeito na qual recebe nominativo. Depois do movimento dos sintagmas, as construções manifestam a mesma estrutura superficial:

Estrutura-S de verbos inacusativos:

$$[_{IP} SN_i V [_{VP} t_v t_i]]$$

Estrutura-S de verbos intransitivos:

$$[_{IP} SN_i V [_{VP} t_i t_v]]$$

Dentro dessa proposta, considera-se que o verbo de uma construção intransitiva seleciona apenas um argumento externo (cf. exemplo em (6)), enquanto o verbo de uma construção inacusativa seleciona um argumento interno, argumento que reflete a função temática de tema (como em (5)). Além desses verbos, controlamos também neste trabalho o verbo de uma construção transitiva, aquele que seleciona um argumento externo e um argumento interno necessariamente, como ilustrado em (7). Com relação ao verbo cópula, fizemos uma primeira rodada preliminar com ele e, em seguida, o excluímos da rodada, por apresentar um comportamento particular, o de permitir tanto concordância com o sujeito quanto concordância com o predicativo, principalmente quando um dos termos envolvidos fosse o pronome indefinido *tudo*, como ilustra o exemplo em (8).

⁸ A hipótese de Burzio dentro da Teoria Gerativa remonta às discussões de Perlmutter (1976), feitas no quadro teórico conhecido como Gramática Relacional.

⁹ Uma das evidências do não recebimento de Caso acusativo é o fato de o argumento interno selecionado por um verbo desse tipo não admitir um clítico acusativo, como no exemplo: (a) Faltou **um** aluno. (b) *Faltou-**o**.

· Inacusativos

(5) Depois **surgiu as carroças, os burros** (PESIMJS13)

· Intransitivos

(6) **Muitos escravos** também **trabalhava** nessa atividade (PBRIMJS13)

· Transitivos

(7) **Os alunos dão** importância também pra esse profissional (PBINFVS06)

· Cópula

(8) Como a maioria dos professores são catalães, é tudo em catalão, **os textos é tudo** em catalão (PERCFJS16)¹⁰

Excluídos os verbos copulativos da análise, nossa hipótese para as duas variedades do português era que iríamos encontrar verbos inacusativos desfavorecendo a marcação de concordância e verbos intransitivos tendendo a mais marcação de concordância, por conta de suas propriedades diferenciadas de seleção. Os verbos transitivos, que se caracterizam por selecionarem argumentos externos, deveriam se comportar como os intransitivos, apresentando maiores chances de marcas de concordância.

Na tabela 3, a seguir, podemos observar os resultados para o tipo de verbo. Como evidências favoráveis à nossa hipótese, verbos inacusativos apresentam ambientes mais propícios à não marcação de concordância nas duas amostras, diferentemente dos verbos intransitivos e transitivos que se mostram mais favorecedores à marcação de concordância verbal.

Nossos resultados ratificam resultados de outros estudos do PB que controlaram o grupo de fatores tipo de verbo levando em consideração os inacusativos (Monguilhott, 2001, 2009; Silva, 2003; Cardoso, 2005). Embora em algumas pesquisas esse grupo de fatores não tenha sido selecionado pelo programa Goldvarb/2001 como estatisticamente relevante, os percentuais sempre apontam para certa

¹⁰ Uma análise estatística preliminar mostrou que, na amostra de Lisboa, o verbo copulativo é favorecedor da não marcação de concordância do verbo com o sujeito (21%). Ao fazermos uma busca dos contextos sintáticos com verbos copulativos, entretanto, percebemos que eram comuns exemplos em que o verbo concordava com o predicativo. Nesse caso, em geral, os sintagmas nominais sujeitos eram marcados com traço [- humano] e pareciam estar em uma posição de tópico. É como se tivéssemos um pronome nulo neutro (como um *isso*) na posição do sujeito, como em: *Os sonhos [isso] é assim umas bolinhas, ótimo, de massa que aquilo depois é frito e depois passa-se no açúcar e canela e as filhoses [isso] é assim compridas* (PECAFJF11). Esse tipo de verbo merece, pois, uma discussão em separado, que será deixada para uma outra oportunidade.

tendência à não marcação de concordância em contextos de inacusatividade.

Tipo de verbo	Amostra Florianópolis Aplicação/Total = %	Amostra Lisboa Aplicação/Total = %
Verbo transitivo	60/363 = 16%	5/324 = 1%
Verbo intransitivo	19/106 = 18%	2/71 = 3%
Verbo inacusativo	59/229 = 26%	17/212 = 8%
Total	138/697 = 20%	24/607 = 4%

Tabela 3: Frequência de não concordância nas amostras investigadas, segundo a variável tipo de verbo

Observamos nos resultados da tabela um favorecimento à variação na concordância verbal com verbos inacusativos, tanto no português falado em Florianópolis (26%), quanto no português falado em Lisboa (8%). Esse é mais um contexto sintático favorável à não marcação de concordância verbal de terceira pessoa do plural. Vale lembrar, entretanto, que esses resultados não distinguem falantes escolarizados de não escolarizados¹¹.

2.4 Algumas considerações sobre as variáveis internas no PB e no PE

Nossos resultados gerais mostram um percentual de variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural distinto nas duas variedades do português analisadas. O PE apresenta apenas 4% de não marcação de concordância nos verbos (dos 607 dados, 24 não apresentaram marcas de plural). Os dados do PB mostram uma frequência mais robusta de não marcação de concordância, 20% (dos 697 dados, 138 não apresentaram marcas de concordância). Comparativamente aos resultados do PE, a frequência de marcação de concordância no PB é bem mais baixa.

Em relação às variáveis independentes discutidas para as duas amostras analisadas, observamos os mesmos contextos sintáticos favorecedores de não marcação. Ambas as variedades do português apresentam a mesma curva. Temos os fatores sujeito posposto, traço [-humano] e verbo inacusativo como contextos que se mostram menos

¹¹ Uma importante discussão sobre o condicionamento da variável escolaridade sobre a marcação de concordância verbal pode ser encontrada em Monguilhott (2009).

favorecedores da marcação de concordância verbal, tanto para o PB, quanto para o PE.

Para dar mais visibilidade aos contextos sintáticos de não concordância – ilustrados de (9) a (14) – fizemos alguns cruzamentos entre as variáveis consideradas neste trabalho nas duas variedades.

- (9) Sempre *existe aquelas conversas*, né? (PBRIMJS13)
- (10) Então às vezes aqui *acontece alguns casos* (PBRIMJS13)
- (11) Aí *começou os horário de cinco e meia* (PBCLFVS07)
- (12) Já *existe trilhas ecológicas* (PECAFJS15)
- (13) Depois *surgiu as carroças, os burros* (PESIMJS13)
- (14) Dia dois, eu acho, já *começa as aulas* (PECAFJF11)

Os resultados desses cruzamentos são mostrados nas tabelas 4, 5 e 6, a seguir.

Cruzamento entre ‘tipo de verbo’ e ‘posição do sujeito’	Amostra Florianópolis		Amostra Lisboa	
	Com CV	Sem CV	Com CV	Sem CV
Verbo transitivo				
Ordem SV	85%	15%	96%	4%
Ordem VS	SEM DADOS		SEM DADOS	
Verbo intransitivo				
Ordem SV	83%	17%	94%	6%
Ordem VS ¹²	17%	83%	100%	0%
Verbo inacusativo				
Ordem SV	84%	16%	100%	0%
Ordem VS	29%	71%	61%	39%

Tabela 4: Frequência de concordância nas amostras investigadas, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘tipo de verbo’ e ‘ordem do sujeito’

Como podemos observar na tabela 4, os contextos sintáticos favorecedores da não marcação de concordância verbal, nas duas variedades, são os mesmos: VS inacusativa. Esses casos de VS podem ser comparados às estruturas encontradas em línguas não *pro-drop* como o francês, em que o pronome expletivo é manifesto (*il*) e a sentença não

¹² Poucos foram os dados de VS encontrados com verbos intransitivos: cinco dados de VS sem concordância, (5/6 = 83%) e apenas um dado de VS com concordância (1/6 = 17%). Por este motivo, o percentual alto de VS sem concordância (83%) deve ser relativizado.

apresenta concordância com o sintagma posposto, como o exemplo (15) ilustra:

- (15) a. *Il est arrivé trois hommes*
 b.* *Il sont arrivés trois hommes*

Segundo Kato e Tarallo (1988), na estrutura inacusativa, o “sujeito posposto” ocupa a posição sintática de objeto verbal e o verdadeiro sujeito gramatical da oração é um pronome expletivo realizado (como no francês) ou nulo (como no português). Parece que uma das explicações para as construções de (9) a (14) sem marcação de concordância poderia ir nessa mesma direção: em todas as sentenças com posposição do sujeito é possível supor que haja um expletivo nulo na posição do sujeito e que os sintagmas pospostos estejam ocupando a posição de objeto. Na inversão inacusativa haveria, portanto, uma tendência à não concordância entre a forma verbal e o sujeito posposto.

Observemos, a seguir, os resultados do cruzamento entre as variáveis ‘traço humano no sujeito’ e ‘posição do sujeito’.

Cruzamento entre ‘traço humano no sujeito’ e ‘posição do sujeito’	Amostra Florianópolis		Amostra Lisboa	
	Com CV	Sem CV	Com CV	Sem CV
Traço [+humano] no sujeito				
Ordem SV	86%	17%	98%	2%
Ordem VS	37%	63%	79%	21%
Traço [-humano] no sujeito				
Ordem SV	66%	34%	93%	7%
Ordem VS	11%	89%	42%	58%

Tabela 5: Frequência de concordância nas amostras investigadas, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘traço humano no sujeito’ e ‘ordem do sujeito’

Os resultados estatísticos reforçam o favorecimento da posposição como um ambiente sintático de não marcação de concordância verbal nas duas variedades, com uma leve tendência à não concordância em contextos VS marcados com traço [-humano] nos dados de fala de Florianópolis (de 63% para 89%) e um acentuado aumento de não marcação nos dados de fala de Lisboa (de 21% para 58%).

Vejamos a seguir, na tabela 6, resultados do comportamento das variáveis ‘tipo de verbo’ e ‘traço humano no sujeito’.

Cruzamento entre as variáveis ‘tipo de verbo’ e ‘traço humano no sujeito’	Amostra Florianópolis		Amostra Lisboa	
	Com CV	Sem CV	Com CV	Sem CV
Verbo transitivo				
Traço [+humano] no sujeito	84%	16%	99%	1%
Traço [-humano] no sujeito	57%	43%	90%	10%
Verbo intransitivo				
Traço [+humano] no sujeito	83%	17%	97%	3%
Traço [-humano] no sujeito ¹³	50%	50%	100%	0%
Verbo inacusativo				
Traço [+humano] no sujeito	82%	18%	97%	3%
Traço [-humano] no sujeito	47%	53%	72%	28%

Tabela 6: Frequência de concordância nas amostras investigadas, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘tipo de verbo’ e ‘traço humano no sujeito’

Considerando em especial os verbos inacusativos, percebe-se que seu sujeito superficial possui características semânticas e gramaticais dos objetos verbais, entre as quais a de ter um papel temático não agente e a de ser marcado com traço [-humano]. É nesse ambiente sintático, o dos inacusativos, que se observa um favorecimento da não marcação de concordância nas duas variedades estudadas: de 18% para 53% em amostras do PB e de 3% para 28% em amostras do PE (cf. tabela 6).

Segundo a hipótese da inacusatividade, argumentos internos selecionados por verbos inacusativos são de fato objetos na estrutura subjacente da sentença, sendo eventualmente promovidos a “sujeitos superficiais”, por meio de movimento, por exemplo. Nesse caso, em geral, o sintagma nominal vai para uma posição de especificador de IP, em que se dá a relação de concordância entre o especificador e o núcleo. Os exemplos em (16) e (17) ilustram as diferentes ordens e dão rosto aos resultados estatísticos da tabela 6.

(16) **As pessoas começaram** a ir pra Lagoa (PBCLFVS07)

(17) **Aí começou os horário de cinco e meia** (PBCLFVS07)

¹³ Três foram os dados encontrados em contextos de intransitividade com traço [-humano], dois na amostra de Florianópolis e um na amostra de Lisboa. Todos eles foram encontrados em contextos de metonímia, em que uma entidade está representando uma pessoa: (i) *Os estudos culturais não trabalham* com essa produção (PBRMJS16); (ii) *Tem quarenta e seis barquinho que trabalha* lá no verão (PBCLMV03) e (iii) *Onde as gôndolas andam* (PERCFV04).

Ainda quanto aos verbos inacusativos, o que se observa nos dados é que majoritariamente não há concordância entre verbo e sujeito posposto na terceira pessoa do plural. Além disso, eventualmente também encontramos variação entre sujeito anteposto e verbo, como em (18). Nesse caso, o verbo inacusativo é o fator condicionador da não marcação de concordância.

(18) **As pessoas** não *sai* do Ribeirão todo dia pra vim no centro (PBRMJS16)

Retomando os resultados estatísticos das tabelas apresentadas anteriormente, podemos verificar que a não marcação de concordância com verbos não inacusativos é bem restrita, conforme exemplos de (19) a (21).

(19) *Mora três* lá perto da minha casa (PBINFVF02)

(20) *Trabaia uns* na pesca (PBCLMVFO3)

(21) **Os neto dele** *chamava* ele de tolo, Ø *dizia*: ah, o vô é tolo! (PBCLMVFO3)

Nos dois primeiros casos, verifica-se a força do fator posição do sujeito atuando na não manifestação da concordância. E quanto à sentença (21) sem marcação de concordância? Note-se aí que o contexto sintático é favorecedor da marcação de concordância: ordem SV, sintagma [+humano] e verbo não inacusativo. Acreditamos que, nesse caso, outras variáveis poderiam explicar a não marcação de concordância verbal, como o paralelismo estrutural, a menor saliência fônica ou a escolaridade do falante, por exemplo.¹⁴

Enfim, nossos resultados estatísticos acenam especialmente para duas correlações:

- (i) entre tipo de verbo, ordem do sujeito e concordância verbal: inversão inacusativa favorece a não marcação de concordância verbal;
- (ii) entre inversão inacusativa, traço semântico do sujeito e concordância verbal: “sujeitos” de inversão inacusativa (VS), marcados com traço [-humano], tendem a não marcação de concordância verbal.

3 Análise diacrônica do PB e do PE

Apresentamos agora a análise diacrônica do português escrito nos séculos XIX e XX, com o intuito de observar o que acontece com algumas

¹⁴ Monguilhott (2009) traz resultados estatísticos sobre o condicionamento dessas variáveis na marcação de concordância verbal de terceira pessoa do plural.

propriedades sintáticas do português ao longo dos séculos¹⁵. Nossa amostra diacrônica constitui-se de 14 peças de teatro de autores catarinenses (amostra 1) e de 14 peças de autores portugueses (amostra 2). Dessas 14 peças de cada variedade do português, cinco foram escritas no século XIX e nove no século XX. Selecionamos, em princípio, uma peça por década, entre 1859 e 1997.

Nas 28 peças encontramos dados em variação na concordância verbal em cinco peças da amostra 1 (PB) e em apenas duas da amostra 2 (PE). Apresentamos os resultados das peças com dados de concordância variável nos quadros abaixo.

Em relação aos resultados gerais da amostra 1, temos no século XIX um total de 197 dados, com 100% de marcação de concordância verbal. No século XX, temos um total de 351 dados, dos quais 10 sem marcas de plural nos verbos. Podemos observar o total de dados levantados em cada peça analisada no quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Peças de teatro de SC (amostra 1)

Ano ¹⁶	Peça / Autor	Dados totais	Dados sem CV
Século XIX			
1867	<i>A Casa para Alugar</i> de José C. Lacerda Coutinho [1842-1900]	25 dados	-
1868	<i>Raimundo</i> de Álvaro Augusto de Carvalho [1829-1865]	70 dados	-
1880	<i>Os Ciúmes do Capitão</i> de Arthur C. do Livramento [1854-1897]	23 dados	-
1890	<i>O Idiota</i> de Horácio Nunes [1855-1919]	35 dados	-
1898	<i>Brinquedos de Cupido</i> de Antero dos Reis Dutra [1855-1911]	44 dados	-
TOTAL	05 peças	197 dados	-
Século XX			
1918	<i>Waltrudes, o nauta veneziano</i> de Ildefonso Juvenal [1894-1965]	35 dados	02 dados ¹⁷
1920	<i>Jardim Maravilhoso</i> de Clementino de Brito [1879-1953]	23 dados	-
1928	<i>Ilha dos Casos Raros</i> Nicolau Nagib Nahas (1890-1934)	32 dados	03 dados
1939	<i>Reconciliação</i> de João Antônio Vecchione	29 dados	-
1942	<i>O Colar de Pérolas</i> de Ildefonso Juvenal [1894-1965]	40 dados	-
1954	<i>A Morte de Damião</i> de Ody Fraga [1927-1987]	27 dados	-
1970	<i>A Estória</i> Ademir Rosa (1949-1997)	52 dados	02 dados
1982	<i>O Dia do Javali</i> Mário Júlio Amorim (1939)	48 dados	-
1993	<i>Stradivarius</i> Augusto Milton de Sousa (1944)	65 dados	03 dados
TOTAL	09 peças	351 dados	10 dados
TOTAL	14 peças	548 dados	10 dados

¹⁵ Não iremos controlar grupos de fatores condicionadores na nossa análise diacrônica, em função do pequeno número de dados de não concordância encontrado. Acreditamos que, se a nossa amostra fosse constituída de outros gêneros do discurso, talvez tivéssemos mais dados. Esperamos investir na ampliação da amostra em investigações futuras.

No que se refere à amostra 2 (PE), também encontramos no século XIX, 100% de marcação de plural nos verbos. No século XX, dos 371 dados, apenas 02 apresentaram marcas zero de plural nos verbos. No quadro 2, abaixo, observamos o total de dados levantados nas peças.

Quadro 2 – Peças de teatro de Lisboa (amostra 2)

Ano	Peça / Autor	Dados totais	Dados sem CV
Século XIX			
1859	<i>O Último Acto</i> de Camilo Castelo Branco [1825-1890]	34 dados	-
1865	<i>J.R. de Luís de Araújo</i> [1833-1906]	66 dados	-
1868	<i>Para as Eleições</i> de Júlio César Machado [1835-1890]	23 dados	-
1879	<i>Paris em Lisboa</i> de Carlos de Moura Cabral [1852-1922]	31 dados	-
1894	<i>O festim de Baltasar</i> de Gervásio Lobato [1850-1895]	55 dados	-
TOTAL	05 peças	209 dados	-
Século XX			
1918	<i>O Fim</i> de Antônio Patrício [1878-1930]	57 dados	-
1923	<i>O Doído e a Morte</i> de Raul Brandão [1867-1930]	24 dados	-
1928	<i>Lua-de-mel</i> de Vitoriano Braga [1888-1940]	26 dados	-
1934	<i>A Prima Tança</i> de Alice Ogando [1900-1981]	25 dados	-
1945	<i>Balada de outono</i> de Carlos Selvagem [1890-1973]	40 dados	-
1953	<i>Casaco de Fogo</i> de Romeu Correia [1917-]	50 dados	-
1977	<i>O homem da bicicleta</i> de Jaime Gralheiro [1930-]	58 dados	02 dados
1986	<i>D. João no jardim das delícias</i> de Norberto Ávila [1936-]	46 dados	-
1997	<i>Fumos de glória</i> de António Faria [1942-]	45 dados	-
TOTAL	09 peças	371 dados	02 dados
TOTAL	14 peças	580 dados	02 dados

A seguir, iremos analisar os dados diacrônicos que não apresentaram marcas de concordância nos verbos. Primeiramente, vale ressaltar que, no século XIX, podemos falar de um sistema de concordância obrigatória na

¹⁶ No século XIX, na amostra 1 (amostra do PB), encontramos dois dados sem concordância, que foram desconsiderados neste trabalho, por conta de sua especificidade. Vejamos: (i) João André: Eu te conheço; ficarias vermelho. Olha Raimundo, nós marinheiros, nós que nos criamos sobre o convés, não devemos abaixar a cabeça diante dessa súcia de biltres que não nos valem, nem no corpo, nem n'alma: não nos misturemos, Raimundo; sejamos, sempre, francos marujos, e bons camaradas. E com um milhão de diabos, quando alguém se engrilar *mostra-se-lhe os dez mandamentos*. (Peça: *Raimundo*, 1868, p.40) (ii) D. Manoel: É o que acontece sempre que se vive em contato imediato com o povo; *toma-se amizades...relações*, e esquece a gente o que deve ao seu nome (Peça: *Raimundo*, 1868, p.58). Os dois exemplos de não concordância são de construções de sujeito posposto marcadas com traço [- humano]; ambiente desfavorecedor da concordância também na nossa análise sincrônica. Cabe salientar, entretanto, que essas construções são do tipo [verbo+se+SN], não controladas na amostra sincrônica.

¹⁷ Os exemplos: *São tanta as arruaça, os otomóve véve sempre a corré que inté parece um raio. Estes chofre precisa mêm dum aorretivo* (Peça: *Ilha dos Casos Raros*, 1928, p.40) são diferentes de todos os outros encontrados nas peças. Apresentam uma fala visivelmente caricatural de uma pessoa não escolarizada. Por esse motivo não serão considerados nesta análise.

língua portuguesa (nas duas variedades) tanto com sujeito anteposto quanto com sujeito posposto. A possibilidade de posposição nesse período, com marca flexional distintiva no verbo, de certa forma, facilitaria o reconhecimento do sujeito invertido como sujeito da sentença pelos falantes.

Por outro lado, no século XX, há indícios de um sistema com concordância variável, principalmente na amostra 1 (PB), como os exemplos de (22) a (28) atestam.

(22) Paulo: Emquanto o homem possui dinheiro é considerado na Sociedade. **Mil adutores** o *cerca*. (Peça: *Waltrudes, o nauta veneziano*, 1918, p.62)

(23) Walfrides: Elle è pobre, mas *existe* **tantos pobres** que julgam-se felizes no mundo. (Peça: *Waltrudes, o nauta veneziano*, 1918, p.67)

(24) Mulher: É, **os primeiros pingos de chuva** começa a cair. Preciso ir. (Peça: *A Estória*, 1970, p.10)

(25) Mulher: **Minha religião e educação** não *permite*. (Peça: *A Estória*, 1970, p.21)

(26) Moambeiro: Eles pensam que é assim. *Sai* por aí atropelando a mãe dos outros e não dão a mínima satisfação. (Peça: *Stradivarius*, 1993, p.15)

(27) Curió: E se **o meu nome e a minha cara** *aparece* no jornal, eles logo pensam que eu tenho grana. (Peça: *Stradivarius*, 1993, p.24)

(28) Uma voz: Nisso *aparece* **a cara do repórter e da fotógrafa** na boca do senário. (Peça: *Stradivarius*, 1993, p. 30)

Observamos, nos exemplos da amostra do século XX, que dois dados aparecem com falta de marca de concordância em contextos com verbos inacusativos e sujeito posposto (cf. ilustrado em (23) e (28)). Os dados em (24), (26) e (27) também apresentam ausência de concordância em ambiente inacusativo, no entanto, com sujeito anteposto ou nulo. Em (22) e (25), temos casos de verbos transitivos sem marcação de concordância. Note-se que são verbos que apresentam sujeito [-humano]. Tudo indica que fatores como verbo inacusativo, ordem posposta e traço [-humano] no sujeito estejam condicionando a não concordância verbal também na escrita catarinense.

No PE (amostra 2), acreditamos que o sistema de concordância obrigatória na escrita continue atuando. No século XIX, temos 100% de concordância nos verbos. E, no século XX, temos apenas 02 dados sem marcas de concordância, em que o sujeito é composto e aparece posposto ao verbo, como em (29) e (30). Nesses casos, podemos imaginar que a concordância se estabeleça com o primeiro elemento do sintagma apenas¹⁸.

(29) Mulher – Mas com este tempo aquilo não é um caminho! É um lodaçal. Já lá *ficou afogado*, na lama, **um homem e um burro**. (Peça: *O homem da bicicleta*, 1978, p. 08)

(30) Camponês – Ai, então vocemecê quer saber p'ra que *serve a Junta e o Grêmio*? (Peça: *O homem da bicicleta*, 1978, p. 24)

Nossa análise da amostra diacrônica indica, portanto, que o PE apresenta um sistema de concordância basicamente obrigatória, diferentemente do que se mostra no sistema do PB do século XX.

As construções com não marcação de concordância verbal na escrita catarinense podem ser comparadas aos resultados da variação na concordância da amostra sincrônica (de fala) e correlacionadas aos resultados diacrônicos encontrados por Berlinck (1995) e Coelho, (2006), sobre a variação da ordem do sujeito. As autoras revelam que a ordem SVO fica enrijecida, principalmente no final do século XX (período em que as peças mostram uma frequência maior de variação na concordância verbal), e que construções VS se encontram condicionadas por verbos inacusativos, especialmente quando o sujeito é [-humano (ou [-animado])].

4. Sobre o enfraquecimento da concordância no PB

Os resultados estatísticos do PB, provenientes de amostras diacrônicas, indicam uma espécie de enfraquecimento da marcação de concordância verbal do século XIX para o século XX. Esse enfraquecimento é confirmado pela amostra sincrônica. Existe uma correlação entre mecanismo sintático de colocação do sujeito, tipo de verbo, traço humano do sujeito e concordância verbal. A baixa frequência de concordância verbal nas construções VS poderia caracterizar a posição do sujeito à direita do verbo como a de não sujeito, fixando o eixo

¹⁸ A esse respeito, uma das regras de concordância verbal das gramáticas normativas diz que "Quando o sujeito composto se pospõe ao verbo, este pode concordar com o nome mais próximo".

esquerdo do verbo para o lugar prototípico do sujeito [+humano]. Essas considerações, no entanto, não são nada triviais.

Para refletir um pouco mais sobre o enfraquecimento da concordância verbal encontrado nas amostras do PB, tomamos a discussão de Galves (1993) a respeito dos traços fortes e fracos de flexão verbal. Para a autora, é fraca a concordância que não contém o traço [+pessoa], ou contém pessoa como um traço puramente sintático. É o que acontece quando não se encontra mais na flexão verbal a oposição entre 1^a, 2^a e 3^a pessoas, mas somente uma oposição binária entre pessoa (1^a) e não pessoa (3^a), articulada a uma oposição singular/plural. Isso corresponde a uma concordância fraca morfológicamente.

Se tomarmos a discussão sobre a crescente simplificação dos paradigmas flexionais feita por Duarte (1993, p. 109), atrelada ao crescente preenchimento do sujeito pronominal, com a entrada dos pronomes *você* e *a gente* que se combinam com formas de terceira pessoa, possivelmente podemos entender as modificações operadas na marcação de concordância verbal de terceira pessoa do plural. No século XIX, há evidências de que o português era uma língua de morfologia rica, em que era possível distinguir todas as pessoas flexionais do verbo. Essa morfologia rica possivelmente está atrelada à gramática do PE, com propriedades de sujeito nulo e de ordem variável do sujeito (cf. exemplos em (31)). Já no século XX, o sistema flexional do PB é defectivo (com morfologia fraca), em que a oposição é binária (singular/plural). A ordem SVO nesse caso fica enrijecida para evitar ambiguidade, conforme ilustram os exemplos em (32).

Gramática do PE

- (31) a. *Viram os meninos* a Maria (VSO)
 b. *Viram* a Maria *os meninos* (VOS)
 c. *Os meninos viram* a Maria (SVO)

Gramática do PB

- (32) a. ??*Viram/Viu os menino(s)* a Maria (VSO)
 b. ??*Viram/Viu* a Maria *os menino(s)* (VOS)
 c. *Os menino(s) viu* a Maria (SVO)

A falta de concordância de número entre verbo e sujeito em (32a) e (32b) alteraria o estatuto do sintagma *os menino(s)*, de sujeito para objeto, gerando ambiguidade. Com a não marcação de concordância, a ordem SVO se enrijece para recuperar os papéis temáticos do sujeito e do objeto, em contextos de transitividade, como em (32c).

Arelados à flexão fraca, podemos observar, portanto, alguns parâmetros se modificando no português falado e escrito no Brasil, o do sujeito nulo para sujeito preenchido (cf. Duarte, 1995), o da ordem do sujeito em construções transitivas, de ordem variável (SVX/XVS) para ordem SVO enrijecida (cf. Berlinck, 1988, 1995 e Coelho, 2000, 2006). A ordem VS nos dias atuais passa a depender essencialmente da projeção de verbos inacusativos, cujo argumento é gerado na posição pós-verbal. Essas observações estão atreladas às discussões de Pontes (1986) sobre o estatuto de sujeito do sintagma posposto. Quando o sujeito permanece posposto em construções monoargumentais (VS) passa a ser “confundido” com o objeto da sentença.

Com a flexão fraca as construções transitivas têm de permanecer na ordem SVO para garantir os papéis temáticos atribuídos às posições de sujeito e de objeto. Esse enrijecimento garante, por exemplo, que as configurações sintáticas não se tornem ambíguas, mesmo que a concordância variável seja reflexo de não escolarização, como em (33).

(33) *Estes chofre precisa* mêmo dum acorretivo (Peça: *Ilha dos Casos Raros*, 1928, p.40)

No final do século XX, os resultados diacrônicos da escrita catarinense, apesar de em número reduzido, já apontam para variação na concordância entre o verbo – especificamente inacusativo – e o sujeito (10 dados de 351 aparecem sem marcação de concordância verbal, correspondendo a 3%). Se considerarmos os dados de fala sincrônicos da amostra do PB, a evidência é mais robusta: dos 697 dados, 138 aparecem sem marcação de concordância verbal, ou 20%. Desses, a grande maioria encontra-se com sujeito explícito, marcado com traço [-animado], na ordem VS, contrariamente aos percentuais de concordância, majoritariamente marcados com traço [+animado], encontrados na ordem SV(O). Parece que o enfraquecimento da concordância tem como efeito uma reanálise da oração em que o sujeito se encontra.

Ao considerarmos as construções inacusativas na ordem VS sem marcação de concordância verbal, podemos dizer que, por extensão, o enfraquecimento da concordância verbal tem como efeito uma reorganização da oração, em que o sintagma nominal passa da categoria de sujeito para a de objeto, como no exemplo (34), retomado de (23). O fato de o argumento de um verbo inacusativo ser interno de certa forma explica esta nova interpretação.

(34) Walfrides: Elle è pobre, mas **existe** *tantos pobres* que julgam-se felizes no mundo. (Peça: *Waltrudes, o nauta veneziano*, 1918, p.67)

As discussões que trazemos nos fazem pensar que as crianças, principalmente no Brasil, ao adquirirem a língua portuguesa com um paradigma flexional fraco, reanalisam as construções de inversão inacusativa, sem marcação de concordância, como de VO, em que o sintagma que está à direita do verbo é encarado como não sujeito. Nesse caso, o sujeito poderia ser considerado um expletivo nulo (nos termos de Kato e Tarallo (1988)).

5. Considerações finais

A partir dos resultados de análises empíricas e das considerações teóricas levantadas neste trabalho, é possível dizer que:

. Os resultados da amostra de fala florianopolitana atestam que a concordância verbal é preferencialmente não marcada em contextos em que o sujeito está posposto a um verbo inacusativo que seleciona principalmente sintagma [-humano]. Essa tendência de não marcação de concordância já se reflete na escrita catarinense. Nas amostras diacrônicas do século XIX, a marcação de concordância é categórica, enquanto, no século XX, se percebe enfraquecimento da concordância, em especial em contextos com sujeito marcado com traço [-humano], posposto a um verbo inacusativo – mesmos ambientes sintáticos favorecedores de não concordância na fala.

. Nos resultados da amostra de fala lisboeta, apesar de a frequência de uso ser baixa, observa-se que a posposição do sujeito, o traço [-humano] do sujeito e o verbo inacusativo também são indicadores da não marcação de concordância verbal. O reflexo dessa variação ainda não aparece na escrita lisboeta. Nas amostras diacrônicas de peças lisboetas, tanto do século XIX quanto do século XX, percebe-se que a concordância de número é categórica nos diferentes contextos sintáticos. Isso provavelmente se deve ao fato de o sistema do PE (ainda) apresentar traço forte de flexão, que permite, por exemplo, distinguir todas as pessoas flexionais do verbo.

. Acreditamos que o enfraquecimento da concordância verbal nas amostras do português falado e escrito no Brasil, no século XX, tem como efeito uma reorganização da oração, em que o sintagma nominal passa da categoria de sujeito para a de objeto. O sujeito posposto ao verbo, sem marcação de concordância verbal, é reanalisado como objeto direto. Essa reanálise está na base da gramática do PB.

Referências Bibliográficas

BERLINCK, R. de A. *A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia*. Dissertação (Mestrado) — UNICAMP, Campinas, 1988.

BERLINCK, R. de A. *La position du sujet en portugais: etude diachronique des variétés brésilienne et européenne*. Tese (Doutorado) — Paris, 1995.

BURZIO, L. *Italian syntax: a government-binding approach*. Dordrecht: Reisel Publishing Company, 1986.

CARDOSO, C. R. *Variação da concordância verbal no indivíduo: um confronto entre o lingüístico e o estilístico*. Dissertação (Mestrado) — UNB, Brasília, 2005.

CARRILHO, E. "Ainda a "unidade e diversidade da língua portuguesa": a sintaxe". In: CASTRO, I e DUARTE, I. (orgs.). *Razões e Emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mateus*. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 19-42, 2003.

CHOMSKY, N. *Lectures of Government and Binding*. Foris: Dordrecht, 1981.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language : its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

COELHO, I. L. "A ordem V NP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica". *Letras de Hoje*. V. 35, n. 1, março de 2000, pp. 47-73.

COELHO, I. L. "Variação na sintaxe: estudo da ordem do sujeito no PB". RAMOS, J. (org.) *Estudos Sociolingüísticos: quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006, pp. 84-99.

DUARTE, M. E. L. "Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil". In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, pp. 107-128.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. Tese (Doutorado) — UNICAMP, Campinas, 1995.

GALVES, C. "O enfraquecimento da concordância no português brasileiro". In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, pp.387-408.

KATO, M. A.; TARALLO, F. Restrictive VS syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with invisible clitics and visible subjects. Trabalho apresentado na *Georgetown RoundTable in Languages and Linguistics*, 1988.

LABOV, W. *Principles of linguistic change - Internal factors*. Cambridge: B. Blackwell, 1994.

LEMLE, M.; NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras. Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e Fundação Ford, 1977.

MARTINS, M. A. "*Questiona(m)-se verdades*": *A variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural*. Trabalho de Conclusão de Curso, UFSC, Florianópolis, 2003.

MARTINS, M. A. *Entre Estrutura, Variação e Mudança: uma análise sincrônica das construções com -se indeterminador no Português do Brasil*. Dissertação (Mestrado) — UFSC, Florianópolis, 2005.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*. Dissertação (Mestrado) — UFSC, Florianópolis, 2001.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. Tese (Doutorado) — UFSC, Florianópolis, 2009.

NUNES, J. M. *O Famigerado se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. Dissertação (Mestrado) — Unicamp, Campinas, 1990.

PONTES, E. S. L. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. *GoldVarb: a multivariate analysis application for Windows*. Department of Language and Linguistic Science, University of York, 2001. <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/golvarb/>.

SCHERRE, M. M. P.; e NARO, A. J. *Concordance markers: the left is in control*. Comunicação apresentada no 24 *New Ways of Analyzing Variation (NWAYE)*. University of Pennsylvania: Philadelphia, 1995.

SCHERRE, M. M. P.; e NARO, A. J. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. *Fórum Lingüístico: Pós-Graduação em Lingüística*, UFSC. Florianópolis: 1 (45-71), 1998.

SILVA, J. A. A. da. *A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolingüístico de três comunidades rurais do estado da Bahia*. Dissertação (Mestrado) — UFBA, Salvador, 2003.

WEINREICH, U; LABOV, W.; HERZOG, M. "Empirical foundations for a theory of language change". In: LEHMAN; MALKIEL (orgs.). *Directions for historical linguistics*. Austin, University of Texas Press, 1968.

Resumo

Este trabalho tem como propósito investigar algumas variáveis internas como possíveis fatores condicionadores da variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural: posição do sujeito em relação ao verbo, traço humano do sujeito e tipo de verbo, em dados de fala e de escrita do Português do Brasil (PB) e do Português Europeu (PE). Focalizamos os contextos de não concordância no sentido de trazer algumas reflexões teóricas sobre uma possível mudança na sintaxe do português, principalmente do PB, desencadeada pelo enfraquecimento da concordância verbal.

Palavras-chave: concordância verbal; posição do sujeito; tipo de verbo; PB e PE.

Abstract

This paper aims to investigate the role of internal constraints (subject position in relation to the verb, [human] feature of the subject, verb type) on the variation of third-person plural subject/verb agreement in Portuguese, based on spoken and written data from Brazilian and European Portuguese. We focus the contexts of non-agreement in order to offer theoretical reflections about a possible change in the syntax of Portuguese, especially Brazilian Portuguese, triggered by the weakening of the agreement system in its grammar.

Keywords: subject/verb agreement; subject position; verb type; Brazilian and European Portuguese.